



06 de Julho de 2020

EXIGIMOS AS ASSEMBLEIAS DE BASE PARA QUE, COM O CONJUNTO DOS EXPLORADOS, POSSAMOS ELABORAR UM PLANO DE EMERGÊNCIA PARA A SAÍDA DA CRISE ECONÔMICA, POLÍTICA E PANDÊMICA. NADA DE DEIXAR A BURGUESIA IMPOR O CURSO DA CRISE!

Contatos: www.pormassas.org | e-mail: por@pormassas.org

Nota em Resposta ao áudio do Diretor da Regional da Apeoesp de Caraguatatuba, que difama a Oposição/Corrente Proletária na Educação

A Oposição em Caraguatatuba é representada pela Corrente Proletária na Educação, ligada ao Partido Operário Revolucionário (POR). Atuamos há mais de 10 anos na região e centramos a nossa atuação na defesa dos métodos da ação direta das massas contra a burguesia, que, através de seus distintos governos, impõe uma série de medidas de retrocesso aos trabalhadores. Somos conhecidos nas quatro cidades pela nossa combatividade. Não estamos em quarentena, temos estado junto aos poucos trabalhadores, que, mesmo durante a pandemia, têm lutado em defesa dos empregos e salários. Neste momento da pandemia, os governos Doria/Bolsonaro aproveitam para aprofundar os seus ataques aos trabalhadores. A maioria das direções sindicais está em “isolamento social” e afastada da luta de classes, a da Apeoesp Caraguatatuba é uma delas. Sai a nos difamar porque denunciemos seu imobilismo, já corriqueiro na região.

No áudio, o burocrata carreirista diz que a Apeoesp tem feito muitas coisas em defesa dos professores contratados. É importante dizer que este modelo de contratação precária vem desde 2009, quando essa direção pelega, que está à frente do sindicato há quase 30 anos, não foi capaz de mobilizar os professores para impedir que os governos esfacelassem a categoria, impondo esse modelo de contratação. Agora, com a

pandemia, essa direção se limitou a fornecer meia dúzia de cestas básicas para uma pequena parcela dos eventuais que ficaram sem aulas e sem os salários. Esse tipo de assistencialismo serve só para falsear a realidade e dizer que “fazem muito pelos professores”.

Desde 2010 a categoria não conta com reajuste salarial, fruto dos ataques dos governos, os quais contaram com a colaboração de uma direção frouxa, que há anos passou a substituir o método da luta de classes, as greves, bloqueio de avenidas e ocupações, entre outros, pela pressão jurídica e/ou parlamentar. Neste sentido, perguntamos: cadê os 10,15% que Bebel correu a bradar aos quatro cantos, quando de sua candidatura para a Assembleia Legislativa? Chegou ao ridículo de fazer fotos com Carmem Lúcia, do STF, e Márcio França, numa escancarada campanha política, usando a estrutura do sindicato como aparato eleitoral.

Já se vão, como disse bem o burocrata, mais de 100 dias de pandemia e os professores eventuais estão largados à própria sorte, sem salários. Os demais professores sofrem agora com a pressão por parte das direções das escolas para que ajudem o governo a ampliar o seu fracassado Ensino à Distância (EaD). Com certeza, depois da pandemia essa modalidade será utilizada pelos governos

para ampliar a sua política de fechamento de salas e demitir mais professores. E quais são as ações do sindicato para que o governo não imponha o EaD goela abaixo de todos nós? O burocrata certamente enumerará algumas migalhas para justificar o imobilismo de sua direção, todas sem efeito prático! Entra ano e sai ano e o governo só nos acua com suas medidas de destruição do ensino público.

É mentira quando este burocrata diz que não participamos das reuniões virtuais. Desde o começo da pandemia temos insistido para que tenhamos reuniões presenciais, por acreditarmos que o meio virtual é débil para a tomada de decisões. Mesmo assim, participamos de algumas reuniões virtuais. É claro que defendemos as reuniões presenciais guardando as medidas de proteção. Desde o primeiro momento da pandemia denunciemos a incapacidade do Estado burguês de garantir o isolamento social. Agora isto está claro. Não deixamos de reconhecer o caráter científico da quarentena, mas no capitalismo, pela apropriação da riqueza por meia dúzia de ricos, ela não pode se realizar. A prova concreta é que neste momento temos mais de mil mortes por dia e a burguesia vai flexibilizando a quarentena. Quem decide quando parar e quando retornar ao trabalho é a burguesia, que não está preocupada com os milhares de mortos, em sua maioria os mais pobres e negros.

Em todo o mundo, os governos abriram os tesouros públicos aos banqueiros e distribuíram migalhas aos pobres. No Brasil, Bolsonaro/Guedes soltou 1,217 trilhão aos banqueiros e 90 bilhões aos pobres, que vieram na forma de um auxílio miserável de 600 reais - sendo que 2 milhões aproximadamente ainda não viram nem a primeira parcela. Sem uma resistência massiva dos explorados, a burguesia deita e rola, impondo o EaD, o teletrabalho com redução salarial e a Medida Provisória 936, que na sua essência aprofunda a maldita Reforma Trabalhista.

Tem aumentado exponencialmente a miséria com a crise do capitalismo e agora

com a pandemia. Neste sentido, as manifestações nos Estados Unidos a partir da morte de George Floyd colocaram multidões nas ruas contra o racismo, o desemprego e as condições de miséria que existem contraditoriamente no país mais rico do mundo. Esse movimento nos mostra que mesmo na pandemia é preciso ir às ruas lutar. As massas norte-americanas enfrentaram o medo da contaminação e se colocaram nas ruas para defender verdadeiramente suas vidas.

No Brasil, as direções sindicais e das centrais viram as costas para os desempregados, que sofrem com a miséria e as medidas de flexibilização das leis trabalhistas. Disposição de luta não falta, essa semana tivemos a greve dos entregadores de aplicativos, que lutam por melhores condições de trabalho, salário e saúde. Aqui em Caraguatatuba não é diferente. Os petroleiros retomam as lutas pelo não rebaixamento do acordo coletivo e contra as mortes que estão ocorrendo pela contaminação em seus locais de trabalho. Estivemos junto a estes lutadores recentemente na UTGCA (Unidade de Tratamento de Gás de Caraguatatuba). Estivemos também em um ato público no CDP (Centro de Detenção Provisória) Caraguatatuba contra as perseguições políticas aos lutadores daquela unidade. Neste último, o diretor da Apeoesp foi convidado e se recusou a participar.

A burguesia e seus governos se aproveitaram da pandemia para atacar os trabalhadores. Por isso, exigimos as assembleias de base para que, com o conjunto dos explorados, possamos elaborar um plano de emergência para a saída da crise econômica, política e pandêmica. Nada de deixar a burguesia impor o curso da crise! Nós, trabalhadores, com independência de classe, podemos buscar a solução para o terrível momento em que estamos vivendo!

Burocratas, deixem de difamações e venham para a luta!